



OFICINAS PEDAGÓGICAS: VALORIZANDO E ESTIMULANDO OS SUJEITOS DA EJA CAMPO

PEDAGOGICAL OFFICES: VALUING AND STIMULATING THE SUBJECTS OF THE EJA FIELD

DOI: <http://dx.doi.org/10.23926/rpd.v1i1.15>

Cleibiane Lopes da Silva Santos

Graduada em Letras.
Universidade Norte do Paraná (UNOPAR).
cleibe.lopes@outlook.com

Célia Ferreira de Sousa

Mestra em Letras.
Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT).
celia.sousa@cfs.ifmt.edu.br

Resumo: O presente texto consta-se de um relato de experiência sobre práticas pedagógicas diferenciadas, realizada com a Educação de Jovens e Adultos do campo, na escola Estadual Antônio Alves Dias, localizada no assentamento Jacaré Valente, município de Confresa, Mato Grosso, e teve como objetivo verificar formas de valorizar os saberes, experiências e história de vida dos sujeitos dessa modalidade, por meio da promoção de situações de aprendizagens que pudessem significar para além dos espaços escolares; também refletir sobre formação docente para atuação na EJA, visto que o professor precisa assumir uma postura autônoma na construção/reconstrução dos saberes necessários para o trabalho com a EJA. Dentre os resultados obtidos com a pesquisa se destacam, a necessidade de haver constantemente ação-reflexão-ação, no exercício da docência, principalmente sobre o planejamento pedagógico, pois este, subsidia cotidianamente a prática docente e valoriza as especificidades presentes nessa modalidade.

Palavras-chaves: Educação de Jovens e Adultos. Oficinas Pedagógicas. Educação do Campo.

Abstract: The present text consists of an experience report on differentiated pedagogical practices, carried out with the Youth and Adult Education of the field, at the Antônio Alves Dias State School, located in the settlement of Jacaré Valente, in the municipality of Confresa, Mato Grosso. To verify ways of valuing the knowledge, experiences and life history of the subjects of this modality, through the promotion of situations of learning that could mean beyond the school spaces; also reflect on teacher training for EJA, since the teacher needs to assume an autonomous position in the construction / reconstruction of the knowledge needed to work with the EJA. Among the results obtained with the research, the need to constantly have action-reflection-action, in the exercise of teaching, mainly on pedagogical planning, since this, daily subsidizes the teaching practice and values the specificities present in this modality.

Keywords: Youth and Adult Education. Pedagogical Offices. Field Education.



1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente texto trata-se de um relato de experiência com aulas práticas diferenciadas, desenvolvidas com alunos da Educação de Jovens e Adultos, doravante denominada EJA de uma escola campesina, localizada no município de Confresa, sob uma perspectiva voltada para oficinas pedagógicas, refletindo sobre o ensino que valorize os múltiplos saberes desse público.

A experiência que ora compõe este texto, consistem na realização de oficinas de aprendizagens, que chamamos de oficinas pedagógicas, como uma forma de interação entre a teoria e prática, também em uma reflexão a partir de observações in loco sobre as ações pedagógicas do educador e sua formação docente.

Para concepção de oficina pedagógica, surge da Resolução/CNE nº 03/2010, onde sugere a distribuição de aulas na EJA por: aulas teóricas, plantão e oficina cultural ou oficina pedagógica. As oficinas são propostas por temáticas a partir de diagnósticos realizados com alunos e professores e se constituem enquanto espaço de formação, de estudo coletivo dos estudantes (SOUSA, 2015).

A EJA Como modalidade da Educação Básica, definida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96, não pode ser pensada como oferta menos importante, mas sim como uma modalidade educativa, que exige um modo próprio as especificidades dos sujeitos envolvidos.

Para Freire (2009) é fundamental que a educação parta das experiências do dia a dia do estudante, no qual o sujeito possa sentir-se parte do processo. Com isso, é necessário realçar a necessidade do respeito aos saberes dos educandos, não devendo ser imposto nada, pois de acordo com o autor “ao impor a eles nossa compreensão em nome da sua libertação é aceitar soluções autoritárias como caminhos para a liberdade” (FREIRE, 2009, p. 27).

A EJA é uma modalidade de ensino em que os sujeitos trazem saberes, valores, experiência e histórias de vida relevantes, as quais não podem ser desconsideradas, especialmente os que habitam no campo, pois, tem uma relação muito profunda com a cultura campesina por possuírem uma história de vida arraigada aos saberes e experiências com o campo, as quais são repassadas de geração para geração. Do campo tiram o sustento da família, possibilitando maior relação de respeito ao ambiente do qual mantem sua sobrevivência.

De acordo com a proposta de Paulo Freire, toda a bagagem de vida dos educandos, são informações que devem ser organizados pelo educador a fim de promover uma educação com aprendizagens compatíveis e adequadas às suas realidades, para que conseqüentemente ocorra



uma aprendizagem que tenha significado para o estudante para além dos espaços escolares, e que, coloque esses sujeitos não como observadores do processo de ensino e de aprendizagem, mas sim, como sujeitos ativos e transformadores da realidade que estão inseridos.

Dessa forma, é necessário que se faça uma reflexão constantemente referente ao planejamento pedagógico a ser desenvolvido na EJA, de modo que, possa ocorrer uma interligação relevante entre os conteúdos abordados na sala de aula com os saberes constituídos pelos mesmos fora do ambiente escolar.

É indispensável também observarmos a questão da formação docente para o trabalho com a EJA, uma vez que, as universidades não oferecem uma formação específica para o atendimento desse público, condição essa que, leva o professor buscar formas, metodologias e fontes de estudos teóricos que venham subsidiá-lo no exercício da profissão, possibilitando realizar um trabalho que seja satisfatório aos sujeitos envolvidas.

Cada turma da EJA tem sua singularidade, possuem perfis diferentes e é relevante que o educador tenha conhecimento e respeito às diversas culturas existentes, pois a sala de aula é ponto de encontro frequente de múltiplas culturas. Não é possível enxergar a EJA com olhares superficiais ou globais, o professor precisa ter um olhar atento, minucioso, respeitoso que possa ir além do óbvio, para que possa ver o “eu” de cada um que muitas vezes vem até a escola em busca de realizações maiores que se possa imaginar. Trabalhar com esta modalidade de ensino é ultrapassar as barreiras conteudistas, é, contudo, fazer parte da vida daqueles e daquelas que passaram por um motivo ou outro, anos, fora da sala de aula, porque passam por muitas dificuldades, frustrações e, talvez por isso, a escola ficou sempre em segundo plano.

A EJA é uma modalidade de ensino muito diversificada, os estudantes desta modalidade possuem habilidades e talentos que podemos usar como ferramentas para promover a interação e a troca de conhecimentos entre eles, gerando motivação para que possam superar as próprias limitações e motivando um ao outro por meio da valorização mútua. E, nesse sentido, a realização de oficinas diversas como aulas práticas, em que os mesmos pudessem expor as habilidades que possuem na medida em que absorvem outros saberes, permitiu envolvê-los em um elo de fortalecimento e reconhecimento mútuo que é o que muitas vezes necessitam.

Dessa forma, o presente artigo vem trazendo também uma reflexão sobre as ações pedagógicas do educador, passando pela formação docente e por fim, a experiência desenvolvida com alunos da EJA do campo, a qual permitiu contribuir ativamente com o processo de ensino aprendizagem dos sujeitos envolvidos.



2 REFLEXÕES SOBRE O PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NA EJA

O planejamento faz parte de nossa vida cotidiana. Planejamos constantemente nossas ações diárias, levando em consideração os mais variados objetivos, para os quais adotamos atitudes específicas. Igualmente precisa ser o nosso fazer pedagógico, este, exige de cada educador um planejamento específico visando atender ao público específico, valorizando a diversidade presente em cada grupo.

O planejamento de aula, ensino não pode ser fragmentado, isolado, desconectado do contexto real dos estudantes, em nenhuma das modalidades de ensino, e, na EJA, esse cuidado precisa ser redobrado, dado a diversidade existente em uma sala de aula. Devendo este, ser observado como processo contínuo de conhecimento e interpretação da realidade dos alunos, exigindo assim, flexibilização à dinâmica de avanços dos mesmos.

Pois, bem como afirma Libâneo (2011, p. 84), “o planejamento é um processo contínuo de conhecimento e análise da realidade escolar em suas condições concretas, busca de alternativas para soluções de problemas e de tomada de decisões”.

Nesse sentido, o ato de planejar, necessita da participação de todos os envolvidos no processo, não podendo ser de caráter individualista ou mesmo autoritário, deve-se ter flexibilidade, levando em consideração os anseios dos sujeitos do processo, neste caso, a EJA campo com todas as suas especificidades e lutas pela conquista e permanência na terra. Assim, não é possível pensar em um planejamento para o trabalho com alunos da EJA campo, sem que haja a valorização dessas especificidades, além de valorizar as experiências e histórias de vida dos sujeitos que compõem essa modalidade.

Deste modo, ao planejar as aulas para os estudantes da EJA Campo, necessita-se pensar na desenvoltura de ações que não podem ser subsidiadas pela mera transmissão de conteúdos programáticos curriculares, em que o aluno apenas seja receptor do conhecimento, pelo contrário, as ações devem visar à autonomia do estudante. Corroborando com a afirmação de Freire (2009),

é neste sentido também que a dialogicidade verdadeira, em que os sujeitos dialógicos aprendam e cresçam na diferença, sobretudo no respeito a ela, é a forma de estar sendo coerentemente exigida por seres que inacabados, assumindo-se como tais, se tornam radicalmente éticos. (FREIRE, 2009, p. 60).

Dessa maneira, Freire (2009), prossegue afirmando que o educador precisa dar visibilidade aos conhecimentos prévios e aos saberes construídos pelos estudantes ao longo da vida. Contudo, o ato do planejar do docente precisa estar articulado aos saberes que os alunos já possuem, resultantes de sua experiência de vida.



Pesquisas mostram que a valorização e formação docente possibilita o empoderamento das ações de ensino, levando a constituir e enriquecer sua experiência profissional, firmando sua autonomia, tornando assim, mais confiante no exercício da docência.

Assim sendo, a valorização dos conhecimentos empíricos adquiridos nas mais diversas situações vivenciadas pelos discentes da EJA campo é indispensável para a interação e produção de outros conhecimentos.

A valorização dos conhecimentos que os estudantes já possuem, é um aspecto importante a ser abordado no ato do planejar docente, de acordo com Vasconcellos (2006, p. 40), é a importância da construção dialética em sala de aula, onde afirma: “na perspectiva dialética da educação, o conhecimento a ser trabalhado em sala de aula não tem um fim em si mesmo. O conhecimento tem sentido quando possibilita o compreender o usufruir ou o transformar a realidade”. Ainda para o autor, “tal percepção, permite que o educando se aproprie do saber de forma mais significativa, concreta, duradoura e transformadora.

Conforme o arcabouço teórico supracitado, o conhecimento não pode ser repassado para o aluno de maneira mecânica, o mesmo precisa ser autor do próprio conhecimento, interagindo e transformando a realidade que vivencia, pois, ainda para o autor, “o conhecimento não é transferido, nem inventado, mas sim construído pelo sujeito na sua relação com os outros e com o mundo” (VASCONCELLOS, 2006, p. 55).

Como vimos nas discussões trazidas até o presente momento, o planejamento para a EJA campo, deve permitir que os estudantes aprendam a organizar/reorganizar o aprendizado, estabelecendo relações entre conhecimentos empíricos e científicos, e, utilizem os novos conhecimentos, ressignificando-os para enfrentar novos desafios e atuar ativamente e criticamente na sociedade em que vive.

Nos diz Freire (2009), que, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção e construção”. Assim, o professor deve estar atento aos anseios e inquietações que emergem a partir da relação professor e aluno, para que possa valorizar os saberes e vivências adquiridos ao longo da vida de cada um, se utilizando de estratégias metodológicas que não visem apenas à memorização de atividades, à resolução mecânica de exercícios, totalmente descontextualizados e desprovidos de significações reais e cotidianas, pois, se o ensino não for contextualizado não terá efeitos de sentidos para o estudante.

Deste modo, corroboramos com Freire (2011, p. 18), ao nos indagarmos, “que significação, na verdade, podem ter, para homens e mulheres, camponeses ou urbanos, que



passam um dia duro de trabalho ou, mais duro ainda, sem trabalho, textos [...] que devem ser memorizados [...].”

Assim vale reafirmar que o Professor deve estar atento à proposição de trabalho com alunos da EJA, não se pode apenas seguir um conteúdo programático, seguir um livro didático ponta a ponta, sem atentar para a realidade cotidiana dos mesmos, e também à forma como eles chegam à escola e o que realmente esperam da esfera escolar para a sua vida, tanto profissional, quanto pessoal.

Em relação a isso, Freire (2011) ainda defende,

que podem um trabalhador camponês [...] retirar de positivo para seu fazer no mundo, para compreender, criticamente, a situação concreta da opressão em que se acham, através de um trabalho de alfabetização em que se lhes diz adocicadamente, que a “asa é da ave” ou que “Eva viu a uva”? [...], não pode jamais tal trabalho constituir-se como um instrumento auxiliar da transformação da realidade. (FREIRE, 2011, p. 18).

Nesse sentido, a educação deve promover a libertação do sujeito estudante, o qual deverá participar ativamente das questões que vivencia, podendo modificar essa realidade, e o professor deve ser o mediador dessa nova realidade a ser reconstruída pelo aluno, fornecendo ao mesmo um aprendizado que consiga alcançar essa mudança na vida dos mesmos. Para isso, Freire (2011, p. 18), propõe que seja, abordado uma “concepção crítica da alfabetização [...], que se desenvolverá nos alfabetizando a consciência de seus direitos e sua inserção crítica na realidade”.

Ainda relacionado a essa concepção, o autor afirma, que a alfabetização para jovens e adultos não pode ser a das classes dominantes, para essa modalidade de ensino, o processo de alfabetização se instaura como um processo de busca, de criação, em que os alfabetizando são desafiados a perceber a significação profunda da linguagem e da palavra, (FREIRE, 2011).

Portanto, o educador tem que ter a consciência do que se pretende, do objetivo que se quer alcançar e buscar o preparo para trabalhar de forma libertadora com os alunos da EJA, propondo ações que busquem desenvolver uma consciência crítica da inserção do aluno no mundo e para tal, o planejamento individual e coletivo torna-se uma saída.

3 FORMAÇÃO DOCENTE PARA ATUAR NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Os cursos de licenciaturas tem sido ultimamente tema de relevantes discussões nos espaços sociais e acadêmicos. É sabido que as matrizes curriculares dos cursos superiores, não conseguem atender às modalidades e diversidades que encontramos no espaço escolar. Ao depararmos com uma modalidade tão específica como a EJA, sobretudo, EJA Campo, a



formação docente torna-se um assunto de extrema importância a ser refletido diariamente, pois, trata de um público dotado de uma bagagem muito rica de saberes, experiências, inquietações, que por vezes vai muito além do que o educador possui, e saber lidar e valorizá-los é uma tarefa que não pode ser negligenciada em nenhum momento.

A partir de observações e conversas com os professores da escola pesquisada, percebemos que ninguém teve formação específica para atuar na EJA Campo, nos seus respectivos cursos superiores. Encontramos alguns profissionais que fizeram apenas cursos oferecidos pelo Centro de Formação de Professores – CEFAPRO/MT, uma minoria, fez pós-graduação a nível de Especialização em PROEJA, e, os demais, foram se reinventando na prática diária e, também por meio dos planejamentos coletivos.

Sabemos que cada sala de aula está inserida em um contexto sociocultural, específico e plural, marcado pela diversidade de grupos sociais, suas visões de mundo, valores e crenças, entre outros fatores. Assim, a diversidade presente na EJA, precisa ser ponto de subsídio à prática do professor, exigindo desse, um olhar sensível às inquietações e anseios dos estudantes, para que possa acontecer um ensino voltado para a valorização dos diversos saberes, ajudando os estudantes a transformar e ressignificar o conhecimento produzido ao longo da vida.

Nesse sentido, o professor que se propõe a trabalhar com a EJA, deve ter um perfil que permita se posicionar de maneira a estimular os alunos a manifestar sua opinião sobre os conhecimentos produzidos em sala de aula, promovendo interação entre o educador e educando.

O público da EJA, em sua maioria constituído de trabalhadores que tiveram que substituir por diversas razões, a escola pelo trabalho, veem no professor uma figura muito além de transmissor de conhecimento, veem no mesmo alguém com quem possa dialogar sobre seus sonhos, frustrações, suas conquistas e mesmo sobre o seu dia a dia, e o professor precisa ter a sensibilidade para ouvi-los e interagir com os mesmos de forma a valorizar tudo isso.

São muitos os desafios que o educador encontra ao atuar na EJA, uma vez que esta modalidade não foi contemplada na sua formação inicial, e os materiais produzidos especificamente para os mesmos, ainda é muito escasso, deixando a desejar.

Diante disso, o educador precisa buscar-se aprimorar para contribuir de forma relevante com o educando. Pois como dizia Freire (2009), o ser humano não nasce na profissão que atua, este, vai se fazendo e refazendo no processo de atuação, e, no exercício da docência não é diferente, não ninguém nascemos professores, não nascemos com a marca para ser professor, pelo contrário, vamos nos construindo professores na e pela prática.



Sendo assim, a formação continuada, vem como instrumento para contribuir com o educador, sendo um espaço para reflexão de suas práticas pedagógicas, para a construção e reconstrução de saberes para o desenvolvimento do ensino aprendizagem dos alunos da EJA, o mesmo precisa em ações contínuas reconstruir suas práticas pedagógicas à medida que amplia seus saberes referente a modalidade.

Nóvoa (1995, p. 14) salienta que a “maneira de ensinar evolui com o tempo e com as mudanças sociais”. Daí a necessidade do professor em estar buscando e produzindo conhecimento, que venha ao encontro das constantes mudanças pelas quais o ser humano passa, no caso, os alunos da EJA do campo.

Tardif (2002, p. 20), diz que “ensinar supõe aprender a ensinar, ou seja, aprender a dominar progressivamente os saberes necessários à realização do trabalho docente”. Assim, o educador precisa buscar novos saberes, apoiados às experiências cotidianas do educando, refletindo sobre a maneira com que se posicionam em sala de aula, como se interage com os alunos da EJA, reflexões estas, que contribuem para a compreensão do seu papel. Ao mesmo tempo cabe-lhe a tarefa de entender que, embora seja licenciado, não é um profissional totalmente pronto, pois, a atualização frente aos novos desafios é incessante.

Como vimos, o trabalho com a EJA requer do educador um olhar atento às vivências desses sujeitos, para compreendê-los, familiarizar-se com a história de vida de cada um, devendo estar atento às perspectivas que possuem, para então, poder contribuir com uma educação emancipatória, realmente adequada às diversidades presentes na EJA.

Como afirma Delors (2003, p. 99), “a educação deve contribuir para o desenvolvimento da pessoa [...], o ser humano deve ser preparado [...] para elaborar pensamentos autônomos e críticos [...], de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida”.

Diante disso, o educador deve promover situações de ensino aprendizagem que permita ao aluno à tomada de decisões, o posicionamento crítico no meio em que está inserido, onde o mesmo se interaja enquanto cidadão consciente de suas ações.

4 RELATO DE EXPERIÊNCIA: VALORIZANDO E ESTIMULANDO OS SUJEITOS DA EJA CAMPO

Conforme já enfatizado, o público que compõe a EJA, na escola que a experiência foi desenvolvida, é composto em sua maioria por mulheres camponesas de todas as idades, donas de casa, que deixaram a escola há anos por diversas razões, e que retornam a ela, na esperança de resgatar uma parte dos estudos que tiveram que adiar. E diante disso, vemos a ansiedade das



mesmas ao retornarem ao ambiente escolar e, detalhe, muitas vêm com seus filhos ainda pequenos.

Daí mais um motivo que, tratá-las apenas como meras receptoras daquilo que preferimos, que acreditamos que precisam absorver como conhecimento, seria negligenciar e não valorizar a trajetória de lutas que enfrentaram e enfrentam todos os dias até chegar à escola.

Ao observar que as mesmas buscam na escola um lugar não só para aprimorar seus saberes, mas também para contribuir com outras pessoas, na medida em que socializam seus conhecimentos e saberes, por meio de experiências que as capacitaram nas mais variadas habilidades, esperando a valorização do que sabem produzir, foi necessário pensar em ações que permitissem ocorrer trocas dessas habilidades entre as envolvidas, para enfim, contribuirmos de forma relevante com o ensino aprendizagem desse público tão específico.

Diante desses anseios, em se sentirem valorizadas pelo que são, e pela história de vida que possuem, surgiu a preocupação em oportunizá-las, a socializar seus saberes/talentos com as demais colegas, fator que passa a ser mais do que isso, na medida em que compartilham parte de suas vidas umas com as outras. Para Alvares (2012, p. 33), “ao compartilhar com o outro a emoção criadora e a fruição estética, o sujeito afirma sua singularidade dentro da classe, ao mesmo tempo em que reconhece outras individualidades”.

É necessário promover a interação dos saberes que cada um conquistou ao longo de suas experiências, no intuito de valorização de si e do outro. Dessa forma, quando iniciamos o trabalho com a EJA, tudo era novidade surgiram muitas preocupações referentes à maneira como trabalhar com esse público, tão especial, e o interessante é que a cada ano o perfil da turma muda, mas, se buscarmos atenciosamente, notamos que cultivam anseios muitos semelhantes.

Então, ao observar em uma determinada turma que era composta em sua grande maioria por mulheres, as quais estavam ansiosas por aulas que pudessem mostrar na prática o que sabiam fazer ao mesmo tempo em que aprendessem novidades que pudessem enriquecer o seu cotidiano, optamos pelo desenvolvimento de oficinas pedagógicas variadas com o intuito de possibilitar o diálogo entre os conteúdos prático e teórico.

O levantamento das oficinas a serem realizadas foi feito coletivamente com a turma, de modo que, aproveitassem materiais e objetos que tinham em suas casas, seus quintais, evitando assim, a possibilidade de haver gastos financeiros, pelo contrário, almejaram lucros tanto no aprendizado, quanto financeiramente.



Deste modo, nas primeiras oficinas foram produzidos doces com frutas que as mesmas tinham em seu quintal. Essa ideia surgiu no intuito de vender os doces para fazer uma festa de confraternização entre os próprios estudantes no fim do ano. As frutas eram levadas até a escola pelas mesmas, onde coletivamente faziam os doces, embalavam e vendiam entre si e também para as pessoas da comunidade durante os eventos que a escola realizava e nessas oficinas a interação e a satisfação dos envolvidos foram motivadoras. Importante destacar que a parte de leitura e escrita ocorria-se, na medida que, as receitas eram escritas e lidas pela turma. Cada estudante trazia sua receita, que, muitas vezes coincidia com outras, mas, muitas vezes eram totalmente diferentes, o que possibilitou a construção do “livrinho” de receitas de doces diversos e de acesso a todos da turma.

Foi possível trabalhar interdisciplinarmente vários conteúdos através das receitas de doces. Conteúdos que passaram da gramática à ciência naturais e o contexto ambiental. Sobre as espécies de plantas e frutas, o debate foi enriquecedor, possibilitando a interação de quem detinha o conhecimento de causa com quem não o tinha. Elas eram as professoras, cada uma com sua experiência encantadora.

Finalizada uma oficina, iniciava-se outras. A próxima foi de artesanatos com materiais reutilizáveis e mais uma vez a interação dos estudantes foi impressionante. Era possível perceber que durante aqueles momentos de produção dos artesanatos os mesmos se sentiam parte de um todo, extravasavam todas as suas angústias, frustrações e problemas do cotidiano, entre uma confecção e uma conversa os laços de amizade se fortalecia no grupo. Nessa oficina, as alunas puderam contribuir umas com as outras, utilizando suas habilidades com crochê, pintura em tecido, trabalho com fitas, com papeis, entre outros. Cada uma queria fazer algo que fosse singular, que expressasse um pouco de si mesmo.

As oficinas eram realizadas uma vez por semana, oportunizando a troca de saberes entre eles e valorizando as diversas habilidades dos componentes do grupo. Essas atividades promoveram uma aprendizagem que foi bastante significativa, pois partiu do conhecimento e interesse dos sujeitos envolvidos nessa modalidade, sendo possível agregar o conhecimento de conteúdos da matriz do curso, com os conhecimentos práticos.

A seguir encontram-se alguns depoimentos de alunas da EJA, com exposições referentes ao ensino aprendizagem a partir das oficinas que foram realizadas durante aulas práticas, as quais participaram ativamente no processo de troca de saberes e valorização de cada um, segundo suas habilidades. Importante destacar que não utilizaremos os nomes completos das depoentes, e sim, as iniciais dos nomes em nota de rodapé.



Como já dito neste texto, eram nítidos os contentamentos das estudantes participantes das oficinas de aprendizagens, conforme podemos verificar a seguir: “achava muito boa às aulas e ainda tenho saudades das amigas, de tudo, e eu aprendia muito, inclusive tudo que aprendi nas oficinas, até hoje faço para usar na minha casa, como as cestas de papel; achava bom demais às aulas de artesanatos que até esquecia os problemas, trocava ideia com as outras, era muito bom¹”. Como vimos na fala da depoente, o aprendizado adquirido extrapolou os muros da escola, lhe servindo continuamente à vida lá fora.

Sob a mesma perspectiva, vemos mais um depoimento em que diz: “para mim, com aquelas oficinas eu aprendia muita coisa, até esquecia os problemas, enquanto eu estava lá entretida na aula, os problemas da casa estavam para trás, e eu me sentia muito feliz quando a gente trocava ajuda uma com a outra, me sentia feliz quando elas me ajudavam, ainda hoje tenho saudade².”

Para esta outra estudante, as vantagens adquiridas também foram ao encontro das demais; segundo ela, ir às oficinas de aprendizagens era se libertar dos problemas reais da rotina campesina, “as aulas era um grande entretenimento, me ajudou a viver, me distrair das tristezas e da prisão que eu vivia, pra mim foi muito bom mesmo, ainda hoje tenho saudade. Eu sentia muito feliz nas oficinas, porque aí eu sentia que eu tinha uma oportunidade de eu ajudar uma pessoa que é a coisa que eu muito gosto [...] e aqueles papos bom demais que tinha com as amigas, ainda hoje eu me lembro³”.

Como vimos, trabalhar interligando os saberes curriculares aos saberes práticos, atrai os estudantes, fazendo-os envolverem mais intensamente, cujos aprendizados, são levados para toda vida. Portanto, as oficinas pedagógicas realizadas, puderam envolvê-los de forma a expressar-se de forma singular, compartilhando sua formação e experiências de vida, com os demais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A modalidade de Jovens e Adultos do campo possui singularidades que precisam ser respeitadas no seio da escola, com aprendizagens que sejam realmente importantes aos mesmos, não só no sentido da abordagem dos conteúdos que precisam adquirir novos conhecimentos, mas também no sentido da valorização pessoal dos indivíduos envolvidos.

¹ C.A.L.C.

² L.T.M.

³ A.D.S.



Contudo, o planejamento das aulas precisa ser pensado minuciosamente, sendo pautado, em abordagens que promovam a relação entre o que é abordado na sala de aula e o que o aluno vivência em seu cotidiano, sendo contextualizado, flexível, interativo, motivador e que venha valorizar a trajetória de vida dos atores dessa modalidade de ensino.

Ainda que a formação inicial deixe lacunas, no quesito de preparação do educador para o trabalho com a EJA, o mesmo jamais deve se acomodar, mas sim, procurar estar em formação contínua, assumindo com autonomia a tarefa de construir/reconstruir saberes que contribuam com sua prática pedagógica voltada para a modalidade de ensino que atua que exerce a docência.

E, nesse viés, precisamos apostar no planejamento de aulas diferenciadas e envolventes que possam atrair e significar para os estudantes; deste modo, contatamos que as oficinas pedagógicas realizadas com a turma de EJA da escola Estadual Antônio Alves Dias, de origem campesina, proporcionou uma aprendizagem que permitiu aos mesmos a autonomia sobre suas ações, na medida em que, contribuíram ativamente com o aprendizado e valorização do outro e, sobretudo, a troca de saberes.

REFERÊNCIAS

ALVARES, Sonia Carbonell. **Educação estética na EJA**: a beleza de ensinar e aprender com jovens e adultos. São Paulo: Telos, 2012.

DELORS, Jacques. **Educação**: um tesouro a descobrir. Relatório para a Unesco da comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI. 8.ed.São Paulo: Cortez, 2003.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritores**. 14 ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

LIBÂNEO, José C. **Organização e gestão da escola**: teoria e prática. Goiânia: Alternativa, 2001.

NÓVOA, António (org.). **Os professores e sua formação**. 2 ed. Lisboa, Portugal: Dom Quixote, 1995.

SOUSA, Célia Ferreira. **Saberes e sabores**: das leituras de narrativas literárias africanas à construção de leitores na Educação de Jovens e Adultos. Cáceres: Dissertação de Mestrado Profissional em Letras – Universidade Estadual de Mato Grosso (UNEMAT), 2015.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento**: Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico – elementos metodológicos para a elaboração e a realização. 16ª ed. São Paulo: Libertad, 2006. (Cadernos Pedagógicos do Libertad; v.1).